Sargão II e a ameaça de Merodach-Baladan

Autor(es): Santos, António Ramos dos

Publicado por: Centro de História da Universidade de Lisboa

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/34980>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_23_1

Accessed : 26-Apr-2023 11:35:57

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23

𐀀𐀁𐀂𐀃𐀄𐀅𐀆𐀇𐀈𐀉𐀊𐀋𐀌𐀍𐀎𐀏𐀐𐀑𐀒𐀓𐀔𐀕𐀖𐀗𐀘𐀙𐀚𐀛𐀜𐀝𐀞𐀟𐀠𐀡𐀢𐀣𐀤𐀥𐀦𐀧𐀨𐀩𐀪𐀫𐀬𐀭𐀮𐀯𐀰𐀱𐀲𐀳𐀴𐀵𐀶𐀷𐀸𐀹𐀺𐀻𐀼𐀽𐀾𐀿𐁀𐁁𐁂𐁃𐁄𐁅𐁆𐁇𐁈𐁉𐁊𐁋𐁌𐁍𐁎𐁏𐁐𐁑𐁒𐁓𐁔𐁕𐁖𐁗𐁘𐁙𐁚𐁛𐁜𐁝𐁞𐁟𐁠𐁡𐁢𐁣𐁤𐁥𐁦𐁧𐁨𐁩𐁪𐁫𐁬𐁭𐁮𐁯𐁰𐁱𐁲𐁳𐁴𐁵𐁶𐁷𐁸𐁹𐁺𐁻𐁼𐁽𐁾𐁿𐂀𐂁𐂂𐂃𐂄𐂅𐂆𐂇𐂈𐂉𐂊𐂋𐂌𐂍𐂎𐂏𐂐𐂑𐂒𐂓𐂔𐂕𐂖𐂗𐂘𐂙𐂚𐂛𐂜𐂝𐂞𐂟𐂠𐂡𐂢𐂣𐂤𐂥𐂦𐂧𐂨𐂩𐂪𐂫𐂬𐂭𐂮𐂯𐂰𐂱𐂲𐂳𐂴𐂵𐂶𐂷𐂸𐂹𐂺𐂻𐂼𐂽𐂾𐂿𐃀𐃁𐃂𐃃𐃄𐃅𐃆𐃇𐃈𐃉𐃊𐃋𐃌𐃍𐃎𐃏𐃐𐃑𐃒𐃓𐃔𐃕𐃖𐃗𐃘𐃙𐃚𐃛𐃜𐃝𐃞𐃟𐃠𐃡𐃢𐃣𐃤𐃥𐃦𐃧𐃨𐃩𐃪𐃫𐃬𐃭𐃮𐃯𐃰𐃱𐃲𐃳𐃴𐃵𐃶𐃷𐃸𐃹𐃺𐃻𐃼𐃽𐃾𐃿𐄀𐄁𐄂𐄃𐄄𐄅𐄆𐄇𐄈𐄉𐄊𐄋𐄌𐄍𐄎𐄏𐄐𐄑𐄒𐄓𐄔𐄕𐄖𐄗𐄘𐄙𐄚𐄛𐄜𐄝𐄞𐄟𐄠𐄡𐄢𐄣𐄤𐄥𐄦𐄧𐄨𐄩𐄪𐄫𐄬𐄭𐄮𐄯𐄰𐄱𐄲𐄳𐄴𐄵𐄶𐄷𐄸𐄹𐄺𐄻𐄼𐄽𐄾𐄿𐅀𐅁𐅂𐅃𐅄𐅅𐅆𐅇𐅈𐅉𐅊𐅋𐅌𐅍𐅎𐅏𐅐𐅑𐅒𐅓𐅔𐅕𐅖𐅗𐅘𐅙𐅚𐅛𐅜𐅝𐅞𐅟𐅠𐅡𐅢𐅣𐅤𐅥𐅦𐅧𐅨𐅩𐅪𐅫𐅬𐅭𐅮𐅯𐅰𐅱𐅲𐅳𐅴𐅵𐅶𐅷𐅸𐅹𐅺𐅻𐅼𐅽𐅾𐅿𐆀𐆁𐆂𐆃𐆄𐆅𐆆𐆇𐆈𐆉𐆊𐆋𐆌𐆍𐆎𐆏𐆐𐆑𐆒𐆓𐆔𐆕𐆖𐆗𐆘𐆙𐆚𐆛𐆜𐆝𐆞𐆟𐆠𐆡𐆢𐆣𐆤𐆥𐆦𐆧𐆨𐆩𐆪𐆫𐆬𐆭𐆮𐆯𐆰𐆱𐆲𐆳𐆴𐆵𐆶𐆷𐆸𐆹𐆺𐆻𐆼𐆽𐆾𐆿𐇀𐇁𐇂𐇃𐇄𐇅𐇆𐇇𐇈𐇉𐇊𐇋𐇌𐇍𐇎𐇏𐇐𐇑𐇒𐇓𐇔𐇕𐇖𐇗𐇘𐇙𐇚𐇛𐇜𐇝𐇞𐇟𐇠𐇡𐇢𐇣𐇤𐇥𐇦𐇧𐇨𐇩𐇪𐇫𐇬𐇭𐇮𐇯𐇰𐇱𐇲𐇳𐇴𐇵𐇶𐇷𐇸𐇹𐇺𐇻𐇼𐇽𐇾𐇿𐈀𐈁𐈂𐈃𐈄𐈅𐈆𐈇𐈈𐈉𐈊𐈋𐈌𐈍𐈎𐈏𐈐𐈑𐈒𐈓𐈔𐈕𐈖𐈗𐈘𐈙𐈚𐈛𐈜𐈝𐈞𐈟𐈠𐈡𐈢𐈣𐈤𐈥𐈦𐈧𐈨𐈩𐈪𐈫𐈬𐈭𐈮𐈯𐈰𐈱𐈲𐈳𐈴𐈵𐈶𐈷𐈸𐈹𐈺𐈻𐈼𐈽𐈾𐈿𐉀𐉁𐉂𐉃𐉄𐉅𐉆𐉇𐉈𐉉𐉊𐉋𐉌𐉍𐉎𐉏𐉐𐉑𐉒𐉓𐉔𐉕𐉖𐉗𐉘𐉙𐉚𐉛𐉜𐉝𐉞𐉟𐉠𐉡𐉢𐉣𐉤𐉥𐉦𐉧𐉨𐉩𐉪𐉫𐉬𐉭𐉮𐉯𐉰𐉱𐉲𐉳𐉴𐉵𐉶𐉷𐉸𐉹𐉺𐉻𐉼𐉽𐉾𐉿𐊀𐊁𐊂𐊃𐊄𐊅𐊆𐊇𐊈𐊉𐊊𐊋𐊌𐊍𐊎𐊏𐊐𐊑𐊒𐊓𐊔𐊕𐊖𐊗𐊘𐊙𐊚𐊛𐊜𐊝𐊞𐊟𐊠𐊡𐊢𐊣𐊤𐊥𐊦𐊧𐊨𐊩𐊪𐊫𐊬𐊭𐊮𐊯𐊰𐊱𐊲𐊳𐊴𐊵𐊶𐊷𐊸𐊹𐊺𐊻𐊼𐊽𐊾𐊿𐋀𐋁𐋂𐋃𐋄𐋅𐋆𐋇𐋈𐋉𐋊𐋋𐋌𐋍𐋎𐋏𐋐𐋑𐋒𐋓𐋔𐋕𐋖𐋗𐋘𐋙𐋚𐋛𐋜𐋝𐋞𐋟𐋠𐋡𐋢𐋣𐋤𐋥𐋦𐋧𐋨𐋩𐋪𐋫𐋬𐋭𐋮𐋯𐋰𐋱𐋲𐋳𐋴𐋵𐋶𐋷𐋸𐋹𐋺𐋻𐋼𐋽𐋾𐋿𐌀𐌁𐌂𐌃𐌄𐌅𐌆𐌇𐌈𐌉𐌊𐌋𐌌𐌍𐌎𐌏𐌐𐌑𐌒𐌓𐌔𐌕𐌖𐌗𐌘𐌙𐌚𐌛𐌜𐌝𐌞𐌟𐌠𐌡𐌢𐌣𐌤𐌥𐌦𐌧𐌨𐌩𐌪𐌫𐌬𐌭𐌮𐌯𐌰𐌱𐌲𐌳𐌴𐌵𐌶𐌷𐌸𐌹𐌺𐌻𐌼𐌽𐌾𐌿𐍀𐍁𐍂𐍃𐍄𐍅𐍆𐍇𐍈𐍉𐍊𐍋𐍌𐍍𐍎𐍏𐍐𐍑𐍒𐍓𐍔𐍕𐍖𐍗𐍘𐍙𐍚𐍛𐍜𐍝𐍞𐍟𐍠𐍡𐍢𐍣𐍤𐍥𐍦𐍧𐍨𐍩𐍪𐍫𐍬𐍭𐍮𐍯𐍰𐍱𐍲𐍳𐍴𐍵𐍶𐍷𐍸𐍹𐍺𐍻𐍼𐍽𐍾𐍿𐎀𐎁𐎂𐎃𐎄𐎅𐎆𐎇𐎈𐎉𐎊𐎋𐎌𐎍𐎎𐎏𐎐𐎑𐎒𐎓𐎔𐎕𐎖𐎗𐎘𐎙𐎚𐎛𐎜𐎝𐎞𐎟𐎠𐎡𐎢𐎣𐎤𐎥𐎦𐎧𐎨𐎩𐎪𐎫𐎬𐎭𐎮𐎯𐎰𐎱𐎲𐎳𐎴𐎵𐎶𐎷𐎸𐎹𐎺𐎻𐎼𐎽𐎾𐎿𐏀𐏁𐏂𐏃𐏄𐏅𐏆𐏇𐏈𐏉𐏊𐏋𐏌𐏍𐏎𐏏𐏐𐏑𐏒𐏓𐏔𐏕𐏖𐏗𐏘𐏙𐏚𐏛𐏜𐏝𐏞𐏟𐏠𐏡𐏢𐏣𐏤𐏥𐏦𐏧𐏨𐏩𐏪𐏫𐏬𐏭𐏮𐏯𐏰𐏱𐏲𐏳𐏴𐏵𐏶𐏷𐏸𐏹𐏺𐏻𐏼𐏽𐏾𐏿𐐀𐐁𐐂𐐃𐐄𐐅𐐆𐐇𐐈𐐉𐐊𐐋𐐌𐐍𐐎𐐏𐐐𐐑𐐒𐐓𐐔𐐕𐐖𐐗𐐘𐐙𐐚𐐛𐐜𐐝𐐞𐐟𐐠𐐡𐐢𐐣𐐤𐐥𐐦𐐧𐐨𐐩𐐪𐐫𐐬𐐭𐐮𐐯𐐰𐐱𐐲𐐳𐐴𐐵𐐶𐐷𐐸𐐹𐐺𐐻𐐼𐐽𐐾𐐿𐑀𐑁𐑂𐑃𐑄𐑅𐑆𐑇𐑈𐑉𐑊𐑋𐑌𐑍𐑎𐑏𐑐𐑑𐑒𐑓𐑔𐑕𐑖𐑗𐑘𐑙𐑚𐑛𐑜𐑝𐑞𐑟𐑠𐑡𐑢𐑣𐑤𐑥𐑦𐑧𐑨𐑩𐑪𐑫𐑬𐑭𐑮𐑯𐑰𐑱𐑲𐑳𐑴𐑵𐑶𐑷𐑸𐑹𐑺𐑻𐑼𐑽𐑾𐑿𐒀𐒁𐒂𐒃𐒄𐒅𐒆𐒇𐒈𐒉𐒊𐒋𐒌𐒍𐒎𐒏𐒐𐒑𐒒𐒓𐒔𐒕𐒖𐒗𐒘𐒙𐒚𐒛𐒜𐒝𐒞𐒟𐒠𐒡𐒢𐒣𐒤𐒥𐒦𐒧𐒨𐒩𐒪𐒫𐒬𐒭𐒮𐒯𐒰𐒱𐒲𐒳𐒴𐒵𐒶𐒷𐒸𐒹𐒺𐒻𐒼𐒽𐒾𐒿𐓀𐓁𐓂𐓃𐓄𐓅𐓆𐓇𐓈𐓉𐓊𐓋𐓌𐓍𐓎𐓏𐓐𐓑𐓒𐓓𐓔𐓕𐓖𐓗𐓘𐓙𐓚𐓛𐓜𐓝𐓞𐓟𐓠𐓡𐓢𐓣𐓤𐓥𐓦𐓧𐓨𐓩𐓪𐓫𐓬𐓭𐓮𐓯𐓰𐓱𐓲𐓳𐓴𐓵𐓶𐓷𐓸𐓹𐓺𐓻𐓼𐓽𐓾𐓿𐔀𐔁𐔂𐔃𐔄𐔅𐔆𐔇𐔈𐔉𐔊𐔋𐔌𐔍𐔎𐔏𐔐𐔑𐔒𐔓𐔔𐔕𐔖𐔗𐔘𐔙𐔚𐔛𐔜𐔝𐔞𐔟𐔠𐔡𐔢𐔣𐔤𐔥𐔦𐔧𐔨𐔩𐔪𐔫𐔬𐔭𐔮𐔯𐔰𐔱𐔲𐔳𐔴𐔵𐔶𐔷𐔸𐔹𐔺𐔻𐔼𐔽𐔾𐔿𐕀𐕁𐕂𐕃𐕄𐕅𐕆𐕇𐕈𐕉𐕊𐕋𐕌𐕍𐕎𐕏𐕐𐕑𐕒𐕓𐕔𐕕𐕖𐕗𐕘𐕙𐕚𐕛𐕜𐕝𐕞𐕟𐕠𐕡𐕢𐕣𐕤𐕥𐕦𐕧𐕨𐕩𐕪𐕫𐕬𐕭𐕮𐕯𐕰𐕱𐕲𐕳𐕴𐕵𐕶𐕷𐕸𐕹𐕺𐕻𐕼𐕽𐕾𐕿𐖀𐖁𐖂𐖃𐖄𐖅𐖆𐖇𐖈𐖉𐖊𐖋𐖌𐖍𐖎𐖏𐖐𐖑𐖒𐖓𐖔𐖕𐖖𐖗𐖘𐖙𐖚𐖛𐖜𐖝𐖞𐖟𐖠𐖡𐖢𐖣𐖤𐖥𐖦𐖧𐖨𐖩𐖪𐖫𐖬𐖭𐖮𐖯𐖰𐖱𐖲𐖳𐖴𐖵𐖶𐖷𐖸𐖹𐖺𐖻𐖼𐖽𐖾𐖿𐗀𐗁𐗂𐗃𐗄𐗅𐗆𐗇𐗈𐗉𐗊𐗋𐗌𐗍𐗎𐗏𐗐𐗑𐗒𐗓𐗔𐗕𐗖𐗗𐗘𐗙𐗚𐗛𐗜𐗝𐗞𐗟𐗠𐗡𐗢𐗣𐗤𐗥𐗦𐗧𐗨𐗩𐗪𐗫𐗬𐗭𐗮𐗯𐗰𐗱𐗲𐗳𐗴𐗵𐗶𐗷𐗸𐗹𐗺𐗻𐗼𐗽𐗾𐗿𐘀𐘁𐘂𐘃𐘄𐘅𐘆𐘇𐘈𐘉𐘊𐘋𐘌𐘍𐘎𐘏𐘐𐘑𐘒𐘓𐘔𐘕𐘖𐘗𐘘𐘙𐘚𐘛𐘜𐘝𐘞𐘟𐘠𐘡𐘢𐘣𐘤𐘥𐘦𐘧𐘨𐘩𐘪𐘫𐘬𐘭𐘮𐘯𐘰𐘱𐘲𐘳𐘴𐘵𐘶𐘷𐘸𐘹𐘺𐘻𐘼𐘽𐘾𐘿𐙀𐙁𐙂𐙃𐙄𐙅𐙆𐙇𐙈𐙉𐙊𐙋𐙌𐙍𐙎𐙏𐙐𐙑𐙒𐙓𐙔𐙕𐙖𐙗𐙘𐙙𐙚𐙛𐙜𐙝𐙞𐙟𐙠𐙡𐙢𐙣𐙤𐙥𐙦𐙧𐙨𐙩𐙪𐙫𐙬𐙭𐙮𐙯𐙰𐙱𐙲𐙳𐙴𐙵𐙶𐙷𐙸𐙹𐙺𐙻𐙼𐙽𐙾𐙿𐚀𐚁𐚂𐚃𐚄𐚅𐚆𐚇𐚈𐚉𐚊𐚋𐚌𐚍𐚎𐚏𐚐𐚑𐚒𐚓𐚔𐚕𐚖𐚗𐚘𐚙𐚚𐚛𐚜𐚝𐚞𐚟𐚠𐚡𐚢𐚣𐚤𐚥𐚦𐚧𐚨𐚩𐚪𐚫𐚬𐚭𐚮𐚯𐚰𐚱𐚲𐚳𐚴𐚵𐚶𐚷𐚸𐚹𐚺𐚻𐚼𐚽𐚾𐚿𐛀𐛁𐛂𐛃𐛄𐛅𐛆𐛇𐛈𐛉𐛊𐛋𐛌𐛍𐛎𐛏𐛐𐛑𐛒𐛓𐛔𐛕𐛖𐛗𐛘𐛙𐛚𐛛𐛜𐛝𐛞𐛟𐛠𐛡𐛢𐛣𐛤𐛥𐛦𐛧𐛨𐛩𐛪𐛫𐛬𐛭𐛮𐛯𐛰𐛱𐛲𐛳𐛴𐛵𐛶𐛷𐛸𐛹𐛺𐛻𐛼𐛽𐛾𐛿𐜀𐜁𐜂𐜃𐜄𐜅𐜆𐜇𐜈𐜉𐜊𐜋𐜌𐜍𐜎𐜏𐜐𐜑𐜒𐜓𐜔𐜕𐜖𐜗𐜘𐜙𐜚𐜛𐜜𐜝𐜞𐜟𐜠𐜡𐜢𐜣𐜤𐜥𐜦𐜧𐜨𐜩𐜪𐜫𐜬𐜭𐜮𐜯𐜰𐜱𐜲𐜳𐜴𐜵𐜶𐜷𐜸𐜹𐜺𐜻𐜼𐜽𐜾𐜿𐝀𐝁𐝂𐝃𐝄𐝅𐝆𐝇𐝈𐝉𐝊𐝋𐝌𐝍𐝎𐝏𐝐𐝑𐝒𐝓𐝔𐝕𐝖𐝗𐝘𐝙𐝚𐝛𐝜𐝝𐝞𐝟𐝠𐝡𐝢𐝣𐝤𐝥𐝦𐝧𐝨𐝩𐝪𐝫𐝬𐝭𐝮𐝯𐝰𐝱𐝲𐝳𐝴𐝵𐝶𐝷𐝸𐝹𐝺𐝻𐝼𐝽𐝾𐝿𐞀𐞁𐞂𐞃𐞄𐞅𐞆𐞇𐞈𐞉𐞊𐞋𐞌𐞍𐞎𐞏𐞐𐞑𐞒𐞓𐞔𐞕𐞖𐞗𐞘𐞙𐞚𐞛𐞜𐞝𐞞𐞟𐞠𐞡𐞢𐞣𐞤𐞥𐞦𐞧𐞨𐞩𐞪𐞫𐞬𐞭𐞮𐞯𐞰𐞱𐞲𐞳𐞴𐞵𐞶𐞷𐞸𐞹𐞺𐞻𐞼𐞽𐞾𐞿𐟀𐟁𐟂𐟃𐟄𐟅𐟆𐟇𐟈𐟉𐟊𐟋𐟌𐟍𐟎𐟏𐟐𐟑𐟒𐟓𐟔𐟕𐟖𐟗𐟘𐟙𐟚𐟛𐟜𐟝𐟞𐟟𐟠𐟡𐟢𐟣𐟤𐟥𐟦𐟧𐟨𐟩𐟪𐟫𐟬𐟭𐟮𐟯𐟰𐟱𐟲𐟳𐟴𐟵𐟶𐟷𐟸𐟹𐟺𐟻𐟼𐟽𐟾𐟿𐠀𐠁𐠂𐠃𐠄𐠅𐠆𐠇𐠈𐠉𐠊𐠋𐠌𐠍𐠎𐠏𐠐𐠑𐠒𐠓𐠔𐠕𐠖𐠗𐠘𐠙𐠚𐠛𐠜𐠝𐠞𐠟𐠠𐠡𐠢𐠣𐠤𐠥𐠦𐠧𐠨𐠩𐠪𐠫𐠬𐠭𐠮𐠯𐠰𐠱𐠲𐠳𐠴𐠵𐠶𐠷𐠸𐠹𐠺𐠻𐠼𐠽𐠾𐠿𐡀𐡁𐡂𐡃𐡄𐡅𐡆𐡇𐡈𐡉𐡊𐡋𐡌𐡍𐡎𐡏𐡐𐡑𐡒𐡓𐡔𐡕𐡖𐡗𐡘𐡙𐡚𐡛𐡜𐡝𐡞𐡟𐡠𐡡𐡢𐡣𐡤𐡥𐡦𐡧𐡨𐡩𐡪𐡫𐡬𐡭𐡮𐡯𐡰𐡱𐡲𐡳𐡴𐡵𐡶𐡷𐡸𐡹𐡺𐡻𐡼𐡽𐡾𐡿𐢀𐢁𐢂𐢃𐢄𐢅𐢆𐢇𐢈𐢉𐢊𐢋𐢌𐢍𐢎𐢏𐢐𐢑𐢒𐢓𐢔𐢕𐢖𐢗𐢘𐢙𐢚𐢛𐢜𐢝𐢞𐢟𐢠𐢡𐢢𐢣𐢤𐢥𐢦𐢧𐢨𐢩𐢪𐢫𐢬𐢭𐢮𐢯𐢰𐢱𐢲𐢳𐢴𐢵𐢶𐢷𐢸𐢹𐢺𐢻𐢼𐢽𐢾𐢿𐣀𐣁𐣂𐣃𐣄𐣅𐣆𐣇𐣈𐣉𐣊𐣋𐣌𐣍𐣎𐣏𐣐𐣑𐣒𐣓𐣔𐣕𐣖𐣗𐣘𐣙𐣚𐣛𐣜𐣝𐣞𐣟𐣠𐣡𐣢𐣣𐣤𐣥𐣦𐣧𐣨𐣩𐣪𐣫𐣬𐣭𐣮𐣯𐣰𐣱𐣲𐣳𐣴𐣵𐣶𐣷𐣸𐣹𐣺𐣻𐣼𐣽𐣾𐣿𐤀𐤁𐤂𐤃𐤄𐤅𐤆𐤇𐤈𐤉𐤊𐤋𐤌𐤍𐤎𐤏𐤐𐤑𐤒𐤓𐤔𐤕𐤖𐤗𐤘𐤙𐤚𐤛𐤜𐤝𐤞𐤟𐤠𐤡𐤢𐤣𐤤𐤥𐤦𐤧𐤨𐤩𐤪𐤫𐤬𐤭𐤮𐤯𐤰𐤱𐤲𐤳𐤴𐤵𐤶𐤷𐤸𐤹𐤺𐤻𐤼𐤽𐤾𐤿𐥀𐥁𐥂𐥃𐥄𐥅𐥆𐥇𐥈𐥉𐥊𐥋𐥌𐥍𐥎𐥏𐥐𐥑𐥒𐥓𐥔𐥕𐥖𐥗𐥘𐥙𐥚𐥛𐥜𐥝𐥞𐥟𐥠𐥡𐥢𐥣𐥤𐥥𐥦𐥧𐥨𐥩𐥪𐥫𐥬𐥭𐥮𐥯𐥰𐥱𐥲𐥳𐥴𐥵𐥶𐥷𐥸𐥹𐥺𐥻𐥼𐥽𐥾𐥿𐦀𐦁𐦂𐦃𐦄𐦅𐦆𐦇𐦈𐦉𐦊𐦋𐦌𐦍𐦎𐦏𐦐𐦑𐦒𐦓𐦔𐦕𐦖𐦗𐦘𐦙𐦚𐦛𐦜𐦝𐦞𐦟𐦠𐦡𐦢𐦣𐦤𐦥𐦦𐦧𐦨𐦩𐦪𐦫𐦬𐦭𐦮𐦯𐦰𐦱𐦲𐦳𐦴𐦵𐦶𐦷𐦸𐦹𐦺𐦻𐦼𐦽𐦾𐦿𐧀𐧁𐧂𐧃𐧄𐧅𐧆𐧇𐧈𐧉𐧊𐧋𐧌𐧍𐧎𐧏𐧐𐧑𐧒𐧓𐧔𐧕𐧖𐧗𐧘𐧙𐧚𐧛𐧜𐧝𐧞𐧟𐧠𐧡𐧢𐧣𐧤𐧥𐧦𐧧𐧨𐧩𐧪𐧫𐧬𐧭𐧮𐧯𐧰𐧱𐧲𐧳𐧴𐧵𐧶𐧷𐧸𐧹𐧺𐧻𐧼𐧽𐧾𐧿𐨀𐨁𐨂𐨃𐨄𐨅𐨆𐨇𐨈𐨉𐨊𐨋𐨌𐨍𐨎𐨏𐨐𐨑𐨒𐨓𐨔𐨕𐨖𐨗𐨘𐨙𐨚𐨛𐨜𐨝𐨞𐨟𐨠𐨡𐨢𐨣𐨤𐨥𐨦𐨧𐨨𐨩𐨪𐨫𐨬𐨭𐨮𐨯𐨰𐨱𐨲𐨳𐨴𐨵𐨶𐨷𐨹𐨺𐨸𐨻𐨼𐨽𐨾𐨿𐩀𐩁𐩂𐩃𐩄𐩅𐩆𐩇𐩈𐩉𐩊𐩋𐩌𐩍𐩎𐩏𐩐𐩑𐩒𐩓𐩔𐩕𐩖𐩗𐩘𐩙𐩚𐩛𐩜𐩝𐩞𐩟𐩠𐩡𐩢𐩣𐩤𐩥𐩦𐩧𐩨𐩩𐩪𐩫𐩬𐩭𐩮𐩯𐩰𐩱𐩲𐩳𐩴𐩵𐩶𐩷𐩸𐩹𐩺𐩻𐩼𐩽𐩾𐩿𐪀𐪁𐪂𐪃𐪄𐪅𐪆𐪇𐪈𐪉𐪊𐪋𐪌𐪍𐪎𐪏𐪐𐪑𐪒𐪓𐪔𐪕𐪖𐪗𐪘𐪙𐪚𐪛𐪜𐪝𐪞𐪟𐪠𐪡𐪢𐪣𐪤𐪥𐪦𐪧𐪨𐪩𐪪𐪫𐪬𐪭𐪮𐪯𐪰𐪱𐪲𐪳𐪴𐪵𐪶𐪷𐪸𐪹𐪺𐪻𐪼𐪽𐪾𐪿𐫀𐫁𐫂𐫃𐫄𐫅𐫆𐫇𐫈𐫉𐫊𐫋𐫌𐫍𐫎𐫏𐫐𐫑𐫒𐫓𐫔𐫕𐫖𐫗𐫘𐫙𐫚𐫛𐫜𐫝𐫞𐫟𐫠𐫡𐫢𐫣𐫤𐫦𐫥𐫧𐫨𐫩𐫪𐫫𐫬𐫭𐫮𐫯𐫰𐫱𐫲𐫳𐫴𐫵𐫶𐫷𐫸𐫹𐫺𐫻𐫼𐫽𐫾𐫿𐬀𐬁𐬂𐬃𐬄𐬅𐬆𐬇𐬈𐬉𐬊𐬋𐬌𐬍𐬎𐬏𐬐𐬑𐬒𐬓𐬔𐬕𐬖𐬗𐬘𐬙𐬚𐬛𐬜𐬝𐬞𐬟𐬠𐬡𐬢𐬣𐬤𐬥𐬦𐬧𐬨𐬩𐬪𐬫𐬬𐬭𐬮𐬯𐬰𐬱𐬲𐬳𐬴𐬵𐬶𐬷𐬸𐬹𐬺𐬻𐬼𐬽𐬾𐬿𐭀𐭁𐭂𐭃𐭄𐭅𐭆𐭇𐭈𐭉𐭊𐭋𐭌𐭍𐭎𐭏𐭐𐭑𐭒𐭓𐭔𐭕𐭖𐭗𐭘𐭙𐭚𐭛𐭜𐭝𐭞𐭟𐭠𐭡𐭢𐭣𐭤𐭥𐭦𐭧𐭨𐭩𐭪𐭫𐭬𐭭𐭮𐭯𐭰𐭱𐭲𐭳𐭴𐭵𐭶𐭷𐭸𐭹𐭺𐭻𐭼𐭽𐭾𐭿𐮀𐮁𐮂𐮃𐮄𐮅𐮆𐮇𐮈𐮉𐮊𐮋𐮌𐮍𐮎𐮏𐮐𐮑𐮒𐮓𐮔𐮕𐮖𐮗𐮘𐮙𐮚𐮛𐮜𐮝𐮞𐮟𐮠𐮡𐮢𐮣𐮤𐮥𐮦𐮧𐮨𐮩𐮪𐮫𐮬𐮭𐮮𐮯𐮰𐮱𐮲𐮳𐮴𐮵𐮶𐮷𐮸𐮹𐮺𐮻𐮼𐮽𐮾𐮿𐯀𐯁𐯂𐯃𐯄𐯅𐯆𐯇𐯈𐯉𐯊𐯋𐯌𐯍𐯎𐯏𐯐𐯑𐯒𐯓𐯔𐯕𐯖

SARGÃO II E A AMEAÇA DE MERODACH-BALADAN

ANTÓNIO RAMOS DOS SANTOS

Universidade de Lisboa
ajr-santos@sapo.pt

Resumo

Babilónia sempre foi um problema para os Assírios, e neste caso os Caldeus de Bit-Yakin, chefiados por Merodach-Baladan, são um episódio marcante na história assíria na região. Sargão II e Senaqueribe foram os intervenientes na luta contra a ameaça caldaica. A correspondência ajudou imenso na reconstituição dos factos.

Palavras-chave: Merodach-Baladan; Sargão II; Senaqueribe; Babilónia; Bit-Yakin.

Abstract

Babylon has been always a problem for Assyrians, and in this case Caldeans from Bit-Yakin leadershiped by Merodach-Baladan are a particular episode of Assyrian history in the region. Sargon II and Sennacherib are the intervenients in the struggle against the Caldean threat. Correspondence aided a lot in the reconstitution of facts.

Key-words: Merodach-Baladan; Sargon II; Sennacherib; Babylon; Bit-Yakin.

Este pequeno artigo trata das relações pouco amistosas entre Sargão II⁽¹⁾, rei da Assíria, e Merodach-Baladan (Marduk-apla-iddina)⁽²⁾, rei da tribo caldaica de Bit-Yakin. Os acontecimentos entre os dois giraram em

torno da cidade de Babilónia; as palavras que se seguem descrevem-os e apontam as respectivas conclusões históricas.

As tribos controlavam substanciais partes do território da Baixa Mesopotâmia. Existiam dois grupos principais de tribos, os Arameus e os Caldeus, ambos com origem nos Semitas do Oeste. A dicotomia entre as diversas populações em Babilónia baseava-se na sua organização sociopolítica. Muitas tribos viviam em cidades, e algumas mesmo em grandes centros urbanos. Os Arameus encontravam-se em Babilónia há mais tempo do que os Caldeus, mas eram mais fragmentados e menos sedentários ⁽³⁾.

Os Caldeus, apesar da chegada tardia, eram mais sedentários (a começar pela instalação na grande urbe de Babilónia) e mais unificados que os Arameus. Havia três tribos caldaicas maiores e duas menores, cada uma chamada de «Casa de tal», sob o controlo de um chefe, a quem as inscrições assírias referiam como rei.

As principais tribos eram: Bit-Amukani, no Baixo Eufrates junto a Uruk; Bit-Dakkuri, no Eufrates Central a sul de Borsippa mas por vezes activa em torno à própria Babilónia; Bit-Yakin, a mais poderosa das tribos caldaicas, dominando o território em torno a Ur e as margens a leste. De menor importância havia Bit-Sha'alli e Bit-Shilani, tribos mais pequenas por vezes citadas nas fontes.

1. A perda de Babilónia

Logo depois de Sargão II se ter tornado rei da Assíria em 722 a. C. ele perdeu Babilónia, a qual por múltiplas razões era vista como a mais preciosa, a mais prestigiada possessão do império – fora o *heartland* assírio, certamente. As circunstâncias da ascensão de Sargão foram dúbias e durante a primeira década do seu reinado ele esteve atarefado com o fortalecimento da sua acção no poder e evitando mais perdas ⁽⁴⁾. Os aliados gritavam por socorro contra os pérfidos vizinhos, disputando fronteiras que tinham de ser asseguradas contra invasões exteriores, e rebeldes que tinham de ser punidos dentro do império.

Um inimigo de Sargão ultrapassava o ódio ao longo das inscrições compostas para o monarca. Tratava-se de Merodach-Baladan (Marduk-apla-iddina), o rei da poderosa tribo caldaica de Bit-Yakin, o inimigo que tirara Babilónia das mãos de Sargão.

2. A reconquista de Babilónia (710 a. C.)

Em 710 a. C. Sargão consolidou o seu império tão firmemente que ele foi capaz de iniciar a grande e prolongada guerra necessária para vencer os seus inimigos Elamitas ⁽⁵⁾, Arameus e Caldeus, e para reconquistar Babilónia. Segundo as inscrições de Sargão, a sua campanha teve duas partes. Primeiro a principal força atacou as áreas a leste do rio Tigre, subjugou as tribos aramaicas e devastou a fronteira elamita. A intenção era a de prevenir que as forças aramaicas e elamitas se juntassem com o exército de Merodach-Baladan. Simultaneamente um destacamento assírio tomou a cidade de Dur Ladinni a sul de Babilónia. Quando o ataque começou os inimigos de Sargão estavam mais ou menos impreparados, e apenas a grande fortaleza de Dur-Abihara foi reforçada por Merodach-Baladan. Desde o princípio, o lado assírio teve a iniciativa e manteve-a durante todo o tempo enquanto a aliança liderada por Merodach-Baladan falhava completamente a coordenação das suas acções ou não reagia de todo.

Os Arameus foram subjugados gradativamente, cada tribo lutando sozinha contra possibilidades esmagadoras. O rei elamita nada fez, e Merodach-Baladan depressa se encontrou isolado em Babilónia. Retirou-se para o Elam para uma última e desesperada tentativa para procurar ajuda, mas sem qualquer benefício. Então preparou-se para defender a sua pátria Bit-Yakin.

Quando os notáveis de Babilónia convidaram Sargão para entrar na cidade, a primeira parte da sua guerra babilónica estava terminada. Segundo as inscrições nenhuma resistência armada teve lugar dominando este e as tribos caldaicas, com a excepção de Bit-Yakin, apressaram-se a render homenagem ao novo rei de Babilónia.

A segunda parte da guerra iniciou-se após o festival do Ano Novo em 709. Almejada para Bit-Yakin, esta campanha foi menos espectacular do que a rápida guerra do ano anterior. Depressa se atolou num cerco prolongado de Dur-Yakin, a principal fortaleza de Merodach-Baladan. Após amargo combate contra um inimigo desesperado e entricheirado em maciças fortalezas, Sargão finalmente estava preparado para um compromisso: Merodach-Baladan entregou a fortaleza mas os Assírios tinham de concordar dar-lhe um salvo conduto para o Elam conjuntamente com a sua comitiva. Segundo os anais o cerco supostamente terminou no ano em que começara, 709. Mas a destruição de Dur-Yakin não esteve completa senão em 707.

3. Babilónia após a conquista de Sargão (710-705 a. C.)

Os analistas de Sargão dão uma visão magnífica das beneficências do governo assírio trazido para Babilónia: ordem civil, segurança, justiça, infraestruturas e agricultura – tudo aquilo de que os Babilónios tinham sido privados durante o reinado do «mau» Merodach-Baladan foi restaurado e melhorado. Mas, na melhor das hipóteses, eram projectos para o futuro. Muitas das descrições eram pura propaganda – ou auto-decepções, se os cortesãos assírios de facto acreditavam nelas. Muitas das cartas que diziam respeito a assuntos pacíficos em Babilónia são de Sharru-emuranni mas existem muitas mais que não podem ser assinadas por um autor específico. Nenhuma cena coerente pode ser desenhada a partir deles, mas eles deviam ser lidos tendo em conta o resultado do governo de Sargão, resultado esse que aparece nas inscrições de seu filho Senaqueribe.

Após a morte de Sargão, em 705, Babilónia levantou-se em revolta e Merodach-Baladan cedo estava de volta ao seu anterior trono em Babilónia. Senaqueribe reagiu quase de imediato, em 704. Primeiramente a sua campanha parece ter-se tornado uma repetição do ataque do seu pai em 710. Novamente uma fortaleza, desta vez Cutha, foi preparada pelo inimigo para sustentar o seu avanço. Durante o cerco Senaqueribe imitou o seu pai por igualmente ter enviado um destacamento à frente para observar Merodach-Baladan, mas os resultados foram diferentes: em 710 Merodach-Baladan fora passivo e os Caldeus de Bit-Dakkuri estavam prontos a apoiar as tropas de Sargão, mas em 704 o destacamento de Senaqueribe não encontrou qualquer apoio. Em vez disso foi colocado perto de Kich para fugir quando Merodach-Baladan saiu de Babilónia. Em 710 Merodach-Baladan retirou-se sem luta quando a força principal assíria invadiu Babilónia, mas quando Senaqueribe avançou após a queda de Cutha encontrou as forças combinadas dos Elamitas, Caldeus, Arameus e também Árabes ⁽⁶⁾, que o esperavam em Kich. Senaqueribe venceu-os e forçou Merodach-Baladan a novamente fugir para o Sul, após o que Senaqueribe sentou-se no trono de Merodach-Baladan como o tinha feito Sargão em 710. No mesmo palco em 710 os Caldeus submeteram-se a seu pai e agora Senaqueribe teve de subjugar cada tribo caldaica e aramaica.

A conquista de Sargão fora mais fácil porque os seus inimigos possibilitaram a derrotá-los gradativamente, acima de tudo porque lhes faltava

coesão e coordenação, e eram indiferentes, oportunistas e egoístas. Estes erros dos seus inimigos fizeram-no parecer como um dirigente brilhante em diplomacia assim como no campo de batalha. Mas menos de cinco anos de domínio de Sargão eram suficientes para fazer o que Merodach-Baladan fora incapaz de alcançar em mais de uma década, e todos os súbditos ingovernáveis de Merodach-Baladan estavam prontos a passarem para o seu lado quando ele reaparecesse. Em 704 o invasor assírio de então teve de travar batalha no Nordeste de Babilónia.

Os anos entre 710 e 705 tiveram uma duradoura impressão em Babilónia e deixaram também um fardo pesado para o filho de Sargão. Foi para Senaqueribe experimentar com que cautela os inimigos da Assíria analisaram os seus erros. E pior do que tudo, a maior parte deles sobreviveu ao ataque violento de 710 mais ou menos ilesos. Tanto os anais como as cartas de Sargão estão de acordo que no Nordeste de Babilónia e entre as tribos caldaicas, excepto Bit-Yakin, as baixas eram comparativamente baixas e pouca destruição, e que a conquista assíria nestas áreas não fora seguida de deportações em massa. Logo, Babilónia não estava enfraquecida quando a guerra começou de novo.

A falta de cartas necessárias para nos dar uma luz adicional nesses quinze anos é um infortúnio, tendo as tribos e as cidades retomado a guerra com quase teimosia suicida sofrendo sucessivas derrotas até à vitória final de Senaqueribe em 689.

Conclusão

Podemos dividir a actividade de Merodach-Baladan em quatro fases. Uma primeira em que este tentou impedir ou perturbar as actividades dos Assírios com um contra-ataque. Ataque a Dur-Sharrukku provavelmente baseando-se em notícias acerca de um insuficiente fornecimento de água, tentativa gorada devido ao facto dos pressupostos não existirem. Uma segunda fase, em que notícias alarmantes chegavam a Babilónia: o rei assírio forçava o seu caminho irresistivelmente através dos pântanos, fortalezas e tribos hostis, dando exemplo da sua capacidade destrutiva. A seu tempo apareceria em Babilónia com todo o seu poder. Os dirigentes das tribos locais e das cidades procuravam caminhos para escaparem à catástrofe. Desde o início da guerra oficiais assírios tentaram usar a diplomacia e as negociações secretas para vencerem as tribos e as

cidades do Norte de Babilónia. Na terceira fase, Merodach-Baladan retira de Babilónia e movimenta-se para sul. Na quarta fase, quando no Sul Merodach-Baladan estava fora do alcance da rede de espiões assírios montada no Norte de Babilónia.

No geral, as cartas ajudam a acrescentar bastante ao panorama do reino de Merodach-Baladan. As cartas são uma informação adicional às inscrições mas dão somente pedaços de informação e aludem a factos conhecidos apenas pelo remetente e pelo receptor da carta. As cartas podem dar um contexto maior às inscrições.

Doze anos de reinado de Merodach-Baladan não foram suficientes para convencer as tribos ou as grandes cidades do Norte da Babilónia a defender o seu império. A sua autoridade evaporou-se sempre que se encontrava sob pressão. As decisões políticas cruciais eram feitas separadamente por cada tribo e cidade. Do ponto de vista dos Assírios, Merodach-Baladan pode aparecer como o rei da Caldeia, mas entre os habitantes do Norte o seu reino não era visto nem como babilónico nem como um reino caldeu. Era apenas o reino de Bit-Yakin apoiado pelas tribos aramaicas.

Documentos

Documento 1

Tipologia: Carta.

ABL 1071 – «[Para o rei, meu senhor: Il-yada'. Boa saúde] para [o rei, meu senhor"! A terra] e [as fortalezas do rei meu senhor estão bem. O rei, meu senhor, pode] estar [satisfeito].

Notícias de Merodach-Baladan: [ele partiu] de Cutha no quinto dia de [...] e entrou [...no dia x], antes dos desta[camentos] e contingentes...[.....]

... [.....]

escreveu-me [.....]

Então [.....]

[a que]m o rei, meu senhor, [.....]

[Quebrado]

"Merodac[h-Baladan]

"[...e]m Cut[ha...]

"de Cut[ha...]

"para o rio[.....]

"[Eu continua[rei a vigiar[.....]

"[Em C]utha[.....]."

Agora estou a enviar a[o rei, meu senhor]. O r[ei, meu senhor, deve interrogá-lo.]»

Documento 2

Tipologia: Carta.

ABL 503 – «Para o rei, meu senhor: o teu servo Il-yada'. Saúde para o rei, meu senhor! A terra e as fortalezas do rei meu senhor estão bem.

O rei, meu senhor, pode estar satisfeito.

A respeito do que o rei, meu senhor, me escreveu: "Durante estes dois meses, está atento e mantém uma forte guarda, até eu chegar!" – as tropas e cavalos estão formados juntos para estarem de guarda no distrito do rei, meu senhor, (e) [eu] próprio estou constantemente a controlar a minha guarda.

Os deuses do rei, meu senhor, providenciaram a paz: desde que o rei, meu senhor, foi ao país do inimigo, não houve qualquer ataque inimigo, não houve de todo ataque inimigo. O distrito do rei, meu senhor, está verdadeiramente bem.

Quanto ao di[que] acerca do qual o rei, meu senhor, me escreveu: «Presta aten[ção! Por que está]a obrigação de trabalho atras[ado]?» – Eles não [terminaram] de escavar os [rios] que eles empreenderam, é o tem[po] de cultivar as sementes, mas moldaram tijolos e trilharam (terra).

Libertei os homens, para que [es]cavem os seus rios e moldem tijolos.

(Agora) foram novamente para aí [no se[u] pleno poder] e estão a terminar removendo o trabalho, obrigação [que] eles não tinham terminado.

A sua ponte foi completamente construída.

Após o rio ter sido totalmente desimpedido, então enviarei (palavra) a Assur-bel-u-taqin: "Vem, vamos abrir o dique!" Se lhe convier e ele vier, abri-lo-ei. Se não e ele disser: "Na época de cultivar as sementes; ele abri-lo-á no começo do inverno. Também, há muita água no rio Diyala, as águas vão para Dur-Sharrukku. Os seus homens *não foram capazes* de ir até à foz do rio devido à quantidade de água.

[No]tícias de Merodach-Baladan: [ele vol]tou e está no seu país.»

Documento 3

Tipologia: Carta.

ABL 1024 – «Ele declara: Marduk-sarrani disse a Merodach-Baladan: “Quem conjura [contra mi]m na Assíria? Tornei-[me um...!...] de quem não há testemunho.”

[...] declara: Marduk – sarrani disse[ao filho de Yakin: [Quem na] Assí[ria].....]

(Quebrado)

[...declara: “[Marduk-sarrani disse ao filho de Ya]kin: ’ [...que] conhece o pastor [...que] situe o teu trono nas [vossas] m[ãos].....]. E eu [...] da Assíria [...] não peço. [...].”

Ele [também] declarou ao filho de Yakin: “Não há água em Dur-Sharrukku. Se vieres e lançares um ataque, tomá-la-ás em cerca de um dia.»

Documento 4

Tipologia: Carta.

ABL 830 – «Para o governador, meu senhor, na tabuinha de Šamaš-abu-usur.

Ra’ iwanu, o sobrinho de Bel-iddina de Nagiati veio e contou-me (isto):

O filho de Zerî está atravessar em Bab-bitqi. O Itu’u, o Hubu’u, e o [Li]tau’u [atra]vessaram [antes d]eles na cidade de Apallâ. Os Rahihu [estão] pernoitando na cidade de Nunak.

Relata-o ao palácio! Mande-te a in[for]mação!»

Sigla

ABL – R.F. Harper, *Assyrian and Babilonian Letters*, London, Chicago, 1892-1914.

Notas

⁽¹⁾ Ver Francis JOANNÈS (dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*, Paris, Robert Laffont, 2001, pp. 756-758. Ver Francis JOANNÈS, *La Mésopotamie au 1er millénaire avant J.-C.*, Paris: Armand Colin, 2000, pp. 85-86.

- ⁽²⁾ Ver Francis JOANNÈS (dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*, pp. 523-525.
- ⁽³⁾ Ver H. W. F. SAGGS, *Babylonians*, London: British Museum Press, 1995, pp. 128-139. Ver J. A. BRINKMAN, *Prelude to Empire. Babylonian Society and Politics, 747-626 B. C.*, Philadelphia: Occasional Publications of the Babylonian Fund, 1984, pp. 39-65.
- ⁽⁴⁾ Ver George ROUX, *La Mésopotamie. Essai d'histoire politique, économique et culturelle*, Paris: Seuil, 1985, pp. 273-283.
- ⁽⁵⁾ Ver Francis JOANNÈS (dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*, pp. 272-276.
- ⁽⁶⁾ Ver *ibidem*, pp. 61-63. Ver Mario LIVERANI, *Antico Oriente. Storia Società Economia*, Roma: Laterza, 1988, pp. 847-852. Ver Pierre BRIANT, *Etat et pasteurs au Moyen-Orient ancien*, Cambridge, Paris: Cambridge University Press, Maison des sciences de l'homme, 1982, pp. 114-125.

Bibliografia

- BRIANT, Pierre, *Etat et pasteurs au Moyen-Orient ancien*, Cambridge, Paris: Cambridge University Press, Maison des Sciences de l'Homme, 1982.
- BRINKMAN, J. A., «*Prelude to Empire. Babylonian Society and Politics, 747-626 B. C.*», Philadelphia: Occasional Publications of the Babylonian Fund, 7, 1984.
- FUCHS, Andreas; PARPOLA, Simo, *The Correspondence of Sargon II, Part III. Letters from Babylonia and the Eastern Provinces*, SAA, vol. XV, Helsinki: Helsinki University Press, 2001.
- GRAYSON, A. K., *Assyrian and Babylonian Chronicles*, Winona Lake: Eisenbrauns, 2000.
- JOANNÈS, Francis, *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*, Paris: Robert Laffont, 2001.
- JOANNÈS, Francis, *La Mésopotamie au 1er millénaire avant J.-C.*, Paris: Armand Colin, 2002.
- LIVERANI, Mario, *Antico Oriente. Storia Società Economia*, Roma: Laterza, 1988.
- ROUX, George, *La Mésopotamie. Essai d'histoire politique, économique et culturelle*, Paris: Seuil, 1985.
- SAGGS, H. W. F., *Babylonians*, London: British Museum Press, 1995.